

MARCAS DA MODALIDADE DA LÍNGUA ORAL: A FALA EM TEXTOS ESCRITOS

Ana Cristina Santos Teixeira¹

Universidade de Brasília

Resumo: O presente estudo tem por objetivo identificar possíveis características da modalidade oral da língua na produção textual escrita. Por meio da pesquisa qualitativa, da interpretação documental e da revisão bibliográfica, buscou-se, ainda, investigar como essas marcas de oralidade interferem no produto final, que seria a mensagem ao leitor. Para isso, analisamos as produções textuais de alunos(as) matriculados(as) no primeiro ano do Ensino Médio.

Palavras-chave: Oralidade. Textos escritos. Marcas de oralidade. Ensino Médio.

Abstract: This work intends to investigate the possible features oral modality of language in written text production of certain classes of 1st year of high school in a public school, and aims to determine if these brands oralities interfere with the final product that would be the message to the reader.

Keywords: Oral. Written texts. Brands. High school.

Introdução

Este trabalho tem por finalidade apresentar as marcas de oralidade presentes em textos escritos por alunos do Ensino Médio de escola pública no Distrito Federal. Os textos que serão objetos de estudo deste trabalho foram selecionados de três turmas do 1º ano, do período noturno, a partir do conteúdo preestabelecido no currículo da escola, ou seja, a descrição como tipologia textual.

O conteúdo foi ministrado pela estagiária Ana Cristina Santos, do curso de Letras – Português, da Universidade de Brasília (UnB), com o auxílio e suporte da professora regente Ellen Cintra. Foi elaborado um plano de aula para ser utilizado durante três aulas em cada uma das turmas, contendo explicações sobre o tema, tendo como recursos pedagógicos o *datashow*, para a utilização de *slides*, e cópias dos textos de exemplificação. De forma

¹ Graduanda do curso de Letras – Português (Bacharelado) da Universidade de Brasília (UnB).

superficial, foram explorados os gêneros textuais, pois os exemplos se tratavam de poemas e cartas, dentre outros.

Nas aulas ministradas, foram explicados o conceito de descrição, o texto subjetivo e objetivo e o que se pode utilizar como recursos para este tipo de texto, que são: comparações, adjetivos e uso dos cinco sentidos: olfato, tato, visão, audição e paladar.

Como forma de avaliação, propôs-se uma dinâmica: foi pedido aos alunos que fechassem os olhos e se imaginassem dentro de seu próprio quarto. Dinâmica: “com as luzes apagadas, estão sem sono. Agora tentem descrever como é o seu quarto, apenas mentalmente. Ao saírem de casa, como ele estava?”. Alguns minutos depois, os alunos colocaram no papel essa descrição, da forma que acharam melhor, utilizando o que foi aprendido em sala de aula.

Apesar de os alunos poderem escolher qual gênero iriam trabalhar, não foi falado sobre, nem exigida a norma padrão de escrita da Língua Portuguesa. A norma culta é inerente aos alunos. A maioria dos estudantes utilizou a norma padrão da escrita, no entanto podem-se perceber algumas marcas da linguagem oral.

Analizando os textos escritos pelos alunos, percebe-se que certas palavras apareceram escritas da forma como se fala. Tais marcas caracterizam esse público, que são adolescentes entre 15 e 18 anos de idade, dos sexos masculino e feminino e de uma geração movida pela tecnologia.

O objetivo deste trabalho é saber se as marcas de oralidade descritas por esses autores interferem no produto final, que é a mensagem ao leitor. Para tanto, foram utilizados como referencial teórico autores como: Marcuschi (2010), Bagno (2005), Koch (1992) e Bortoni (2004), pois esses autores questionam e pesquisam, entre outros temas, a oralidade.

Para o estudo do objeto em questão, faz-se necessário conceituar a modalidade da língua falada, a modalidade da língua escrita, bem como a relação que as duas modalidades possuem, e, por fim, a concretização do trabalho com as análises dos textos escritos.

1 Modalidade oral da língua

Marcuschi (2010, p. 25) afirma que “A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora.”.

Mesmo sendo uma prática interativa, a oralidade, por um longo período, ficou à margem da escrita, e sua importância foi negada até nas aulas de Língua Portuguesa. Porém, a

modalidade não foi esquecida por estudiosos e críticos da área, os quais defendiam que ela deveria ter os mesmos privilégios, na sala de aula, que a modalidade escrita.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) afirmam que a modalidade oral deve ser apreciada nas propostas oficiais de ensino da Língua Portuguesa. A partir deste momento, esta se torna mais visível e, de certa forma, “obrigada” a ser trabalhada em sala de aula. De acordo com o documento:

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite a escolha, a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas... É preciso, portanto, ensinar-lhe a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente. (BRASIL, 2000, p. 49).

Diante do esforço de linguistas como Marcuschi, a oralidade está sendo difundida e compreendida da forma como merece ser. Em seu livro *Da fala para a escrita* (2010), ele assinala que: “A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia” (MARCUSCHI, 2010, p. 36).

No trecho citado, Marcuschi demonstra que a importância da oralidade está, propriamente, na sua posição como prática social. As pessoas, a partir da oralidade (não somente dela), colocam-se em grupos, identificam-se e, dessa forma convivem racionalmente.

Segundo o que Marcuschi diz a respeito do homem podemos começar a caracterizar a língua oral. Ele define da seguinte forma: “o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve.” (MARCUSCHI, 2010, p. 36). Ou seja, de acordo com a história da humanidade, a fala veio primeiro que a escrita.

A oralidade é inata à maioria dos seres humanos, sendo utilizada também para transmitir conhecimentos, e a fala está diretamente ligada a outros sentidos biológicos dos indivíduos, como a audição, a visão e o tato, pois no ato de falar, de transmitir uma mensagem, faz-se uso de muitos desses sentidos.

Cabe acrescentar que a fala já existe há mais de um milhão de anos. A escrita é muito recente em todas as formas de mostrar-se, tendo, no máximo, cinco ou seis mil anos.

A modalidade oral, como já foi dito, precede a escrita e possui um conjunto de elementos simbólicos com características distintas em relação à modalidade escrita, tais como

a presença do interlocutor, ou seja, face a face; as dúvidas podem ser esclarecidas durante essa interação, que pode sofrer alterações durante a exposição; expressões não verbais, como gestualização, expressões faciais e a entonação da voz, que completam o sentido da mensagem que está sendo transmitida, isto significa que a fala é uma das formas de representação da língua.

Castilho (2003) afirma que a língua compõe-se de três módulos: o gramatical, o semântico e o discursivo. Diante do último tópico apresentado, entra-se no campo da conversação, que convém ser lembrada e pautada de forma sucinta.

Algumas regras são importantes para entendermos as marca de oralidade nos textos escritos a serem analisados. Uma delas refere-se aos turnos conversacionais, que são as unidades de conversação, ou seja, “o segmento por um falante com direito a voz” (CASTILHO, 2003, p. 36).

Outras regras são apontadas por Marcuschi (1999, p. 18): a troca de falante ocorre, ou pelo menos ocorre, em qualquer turno, fala um de cada vez; a ordem dos turnos não é fixa, mas variável; o tamanho dos turnos não é fixo, mas variável; e a fala poder ser contínua ou descontínua.

Em relação ao turno, três estratégias são importantes para que o falante consiga manter seu turno. A primeira diz respeito às pausas não muito longas; a segunda são os alongamentos das vogais, consoantes, conjunções, preposições, artigos e substantivos, não ocorrendo uma pausa muito longa e associada às duas pausas, faz com que o ouvinte entenda que se quer ceder o turno; e a terceira e última estratégia, a autocorreção, incide na substituição ou reorganização de itens lexicais falados.

Segundo Castilho (2003), a passagem de turno pode ser feita de duas formas: na primeira, por *assalto* ou por *passagem consentida de turno*, o ouvinte invade diretamente a fala do outro; já na segunda, o turno é passado através de sinalização feita com recursos não verbais.

Castilho (2003) também fala sobre marcadores convencionais, que “são recursos prosódicos, expressões pré-lexicais que são acionados na marcação convencional”, podendo ser *pragmáticos* ou *interpessoais*, sendo interações verbais e monitoramento da conversação, possuindo também os marcadores pré-lexicais, textuais ou ideacionais que ajudam na organização do texto.

Podemos entender que os marcadores convencionais operam como conectivos textuais, cuja presença nos textos escritos adequa a análise das marcas de oralidade neles existentes.

Na modalidade oral, aqui apresentada, podemos inferir algumas características: é realizada em meio sonoro, gestualidade, simultaneidade de elaboração e execução, maior ocorrência de subjetividade na linguagem, possibilidade de correção simultânea, caso não seja compreensível, entre outras mencionadas.

2 Modalidade escrita

Segundo Marcuschi (2010), a escrita seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais, e se caracteriza por sua constituição gráfica. A modalidade escrita pode ser considerada nova em relação à modalidade oral, e, mesmo sendo recentemente observada, obteve grande destaque na sociedade. A escrita foi criada pelo homem e, aonde ela chegou, acabou sendo muito utilizada, principalmente nas práticas sociais. No mundo contemporâneo, convencionou-se chamar de *práticas de letramento*, o que Marcuschi define como: “um tipo de processo histórico e social que não se confunde com a realidade representada pela alfabetização regular e institucional...” (2010, p.19). Ele lembra ainda que letramento não é equivalente à aquisição da escrita e que devemos nos dar conta de que há letramentos sociais, ou seja, o mundo fora da sala de aula também é prática social e, por consequência, outro tipo de letramento.

A escrita é apreciada como um bem social indispensável ao cotidiano do ser humano, seja no meio urbano, seja no meio rural. A modalidade escrita da língua é fruto do aprendizado fora de casa, ou seja, na escola, por possuir um contexto mais formal da língua, e este é um dos motivos para que ela seja considerada, pela sociedade, um bem cultural de prestígio.

Tem-se a compreensão de que a palavra apenas pronunciada é fugaz, já a escrita é eterna. Dessa forma, a escrita tornou-se um método de armazenamento de informações. Quando se fala no processo de escrita, logo se pensa em leitura. Por isso vale destacar o seguinte trecho de Ribeiro (2006):

Como a escrita está intimamente associada à leitura, são processos simultâneos e interdependentes, ou seja, a leitura interage na escrita e a escrita interage na leitura, o aluno descobrirá que escrever significa operar escolhas linguísticas de modo a expressar seu pensamento com organização, clareza e adequação, na modalidade da língua. (RIBEIRO, 2006, p. 41).

Partindo desse pensamento, entende-se que a fala, a escrita e a leitura são três modalidades distintas, com características próprias, porém estão ligadas e uma complementa a outra.

3 Características da modalidade da língua escrita

A aquisição e o desenvolvimento da modalidade da escrita da língua acontecem normalmente em locais formais, principalmente na escola. É na escola que o indivíduo tem os primeiros contatos com a escrita e a leitura.

Para Antunes (2003)

A escrita corresponde a uma outra modalidade de interação verbal: a modalidade em que a recepção é aliada, uma vez que os sujeitos atuantes não ocupam, ao mesmo tempo, o mesmo espaço. Além disso, há um lapso de tempo, maior ou menor, entre o ato de elaboração do texto pelo autor e o ato de sua leitura pelo leitor (ANTUNES, 2003, p. 51).

Diante das observações de Antunes sobre as características espaço-temporais da modalidade escrita, podemos deduzir que no processo de construção do texto escrito não há a perspectiva de interferência, ao menos direta, por parte do receptor da mensagem. Entretanto, para escrever um determinado texto, leva-se em consideração para quem está se destinando, havendo uma interferência indireta. Ou seja, o autor desenvolve o texto levando em consideração o efeito que deseja causar no leitor.

Algumas características, como correção gramatical e vocabulário conservador, fazem parte do texto escrito.

Um atributo importante da modalidade escrita é o planejamento. Antunes (2003) define três etapas na produção do texto escrito: a primeira é o planejamento – nesta etapa escolhe-se o tema, os objetivos e o gênero textual; a segunda etapa da escrita é o momento em que o autor passa para o papel o que foi planejado com sentido, coerência e relevância no que está sendo escrito; e a última e terceira etapa, e muito importante, refere-se à revisão e reescrita.

4 A língua falada e a língua escrita

A maioria das pessoas, inclusive nas academias, faz distinção entre escrita e oralidade. Koch (1992, p. 69) demonstra no quadro a seguir essas diferenças:

Quadro 1: Diferença entre escrita e oralidade

FALA	ESCRITA
Não planejada	Planejada
Incompleta	Não fragmentada
Pouco elaborada	Completa
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas.	Elaborada
Pouco uso de passivas	Predominâncias de frases completas, com subordinação abundante. Emprego frequente

Fonte: Koch (1992).

Com as definições elencadas, podemos deduzir que a fala refere-se ao uso coloquial/popular e a escrita ao uso formal/culto da língua.

Bortoni, em seu livro *Educação em língua materna* (2004), afirma que a fala é social, e irá variar de acordo com a idade, gênero, *status* econômico, grau de escolarização, mercado de trabalho e rede social: “[...] em toda comunidade de fala, há sempre variação linguística, isto quer dizer que qualquer comunidade, seja pequena, como um distrito semi-rural..., ou grande como uma capital, um estado ou um país, sempre apresentará variação linguística” (BORTONI, 2004, p. 47).

Bagno (1999) faz uma crítica aos gramáticos, comparando-os a algo estático, imóvel, e afirma que a língua é algo em movimento, que evolui, e justifica dizendo que os seres humanos estão em constante interação, passam por mudanças e adaptações, assim sendo torna-se preconceituosa a atitude normativa em relação à língua.

Marcuschi tem opinião diferente sobre fala e escrita. Ele detalha os assuntos relacionados a essas duas modalidades, e diz, entre outras coisas: “[...] seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve” (2010, p. 17). Entretanto justifica dizendo que a oralidade não é superior à escrita.

A ideia de que a escrita é a representação da fala se torna equivocada, isso do ponto de vista de Marcuschi (2010), pois na escrita não se pode produzir muitos dos fenômenos da oralidade, como: gestualidade, olhares expressões faciais e outros. A escrita também possui suas particularidades, cores, tipos de letras desenhos, dentre outros. “Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não o suficiente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos, nem uma dicotomia” (MARCUSCHI, 2010, p. 17).

Em um único parágrafo, Marcuschi consegue reunir argumentos e justificativas, e demonstra que nem a fala, nem a escrita possuem valor menor ou maior, ambas são iguais,

cada qual no seu uso. As duas permitem construções coesas e coerentes, raciocínios abstratos ou informais, entre outras igualdades.

Dentro dessa perspectiva destacada por Marcuschi, Perini (2004) diz:

Importante observar como a língua falada tem regras tão complexas e tão estritas quanto as da língua escrita; apenas, são diferentes. Mas porque é que nos parecem tão fáceis? Ah, é porque são regras da nossa língua nativa – as outras são de uma língua que aprendemos na escola. (PERINI, 2004, p. 60)

Perini diz que não se escreve da mesma forma que se fala, tampouco se fala como se escreve. Quando se fala, tenta-se organizar as frases para facilitar a compressão do receptor. Na oralidade, usam-se recursos para preencher lacunas (né, ah, ã etc.) inclusive gestos, expressões faciais e a entoação da voz. Já na escrita tais recursos não são aceitos pela norma padrão, precisa-se refletir sobre o que se está escrevendo e reescrever se for preciso.

O quadro a seguir exemplifica as diferenças entre os textos oral e escrito, demonstrando o que é aceitável ou não em cada modalidade.

Quadro 2: Diferenças entre texto oral e texto escrito

Texto oral	Texto escrito
Elipses	Não é aceitável a repetição de ideias – redundância
Maior liberdade quanto às exigências de concordância verbal e nominal	As orações são, na maioria, aplicadas ou coordenadas, havendo pouca incidência de subordinação
O léxico é mais universal	Expressões mais complexas sintaticamente, inclusive com inversões na ordem esperada dos elementos na frase (núcleo mais modificador)

Portanto, considerando algumas diferenças significativas entre as duas modalidades, tanto ao falar quanto ao escrever, precisa-se ter objetividade, coerência, saber argumentar e se expressar. O equilíbrio entre a fala e a escrita é muito importante entre os participantes do processo, escritor-texto-leitor, para o sucesso da comunicação.

5 Análise das marcas orais nos textos escritos

Este trabalho parte do pressuposto de que, mesmo a oralidade e a escrita sendo duas modalidades distintas, uma pode deixar sua marca na outra. A fala, por ser mais frequente e utilizada no dia a dia, influencia mais a escrita.

Como foi dito na introdução deste trabalho, os textos analisados são de alunos do 1º ano do Ensino Médio da escola pública Darcy Ribeiro, localizada no Paranoá, Região Administrativa de Brasília, composta por adolescentes com realidades sociais distintas. Muitos são repetentes do 1º ano. No momento em que foi solicitado que fizessem o texto, muitos reclamaram, argumentaram, mas quando foi dito que valeria nota, logo todos os presentes trataram de fazer.

A análise aconteceu de forma quantitativa, foram corrigidos todos os 88 textos produzidos por esses alunos, e alguns resultados são mostrados no quadro a seguir:

Quadro 3: Análise dos textos escritos pelos estudantes

Tipos de marcas	Exemplos
Subjetividade	Meu quarto é meu pequeno mundo [...]; Meu quarto é meu sossego [...]; Meu mundo , pequeno, rosa, cheiroso [...];
Gírias e expressões	...kkkk...
Uso de marcadores conversacionais	Lá estava eu no meu quarto [...] [...] joguei muitos papeis, tá um lixo [...] e aí meu quarto ficou bagunçado [...]
Escrita fonética	[...] tem uma cama de solteiro que oculpa [...] (ocupa), As paredes são lilás com curtinas [...] (cortinas), Tem uma cama e dois guarda-roupas, e duas prateleiras [...] (prateleiras),

Fonte: Elaboração própria.

Alguns alunos formam frases que não correspondem à norma padrão de língua escrita. A escrita fonética foi muito utilizada por esses alunos. Alunos do 1º ano do Ensino Médio, em tese, teriam que estar aptos a utilizar a forma padrão de escrita, porém não é o que ocorre em

muitos dos textos escritos por esses alunos. Muitos grafam da forma como falam, é como se a escrita fosse uma representação da fala.

Foram utilizadas gírias ou expressões (uma ocorrência), também alguns marcadores convencionais (quatro ocorrências), essa utilização serviu para chamar atenção do leitor. A subjetividade foi encontrada, em sua maioria, nos textos escritos por indivíduos do sexo feminino. Por fim, a escrita fonética (63 ocorrências) em 88 textos analisados.

Seguem alguns exemplos dos textos utilizados:

Exemplo 1: Uso de marcador conversacional

U
 Meu quarto
 Quando sai de casa, deixo meu quarto que tem as paredes roxas, bem bagunçado. Minhas roupas de malhar ficaram em cima da cama, meus tênis ficaram jogados no chão, na mesa do meu computador jogui muitos papéis, tá um lixo num armário porque sai muito cedo pra trabalhar 5:50h da manhã. Eu cheguei do trabalho 14:00h mas fui dormir. E aí que meu quarto ficou mais bagunçado, meu namorado tentou arrumar um pouco dobrando o colchão, mas ele ³ fez bagunçar...

Exemplo 2: Uso de gírias e expressões

Quando se entra no meu quarto logo se vê a cama, a televisão e guarda roupa, e em cima da minha cama muita bagunça, roupa em cima, chapinha e onde fica a televisão muitos livros, vários livros, os da escola os de poema, gibi etc. Raramente meu quarto está arrumado, mais sempre que dá limpo ele e deixa tudo organizado, normalmente se encontra muitos sapatos no meio do quarto e tenta organiza-lo dentro da guarda-roupa mais é difícil eles continuarem lá. KKKKK ;P

Exemplo 3: Uso de escrita fonética

Bem hoje vai e deixei meu quarto meio
 bagunçado, na cama tem roupas, maquiagem, lixão,
^①bonê, e um videogame em cima. No chão tem
 um ^②pa^③ de ^④tenis, duas rapatinhas espalhadas.
 As portas do guarda-roupa ^⑤fic^⑥ aberta, a tv
 desligada, minha estante de ^⑦maquiagem ^⑧fic^⑨ uma
 bagunça.

Considerações finais

Mediante as produções textuais, confirmou-se a presença de características típicas da modalidade oral da língua nos textos escritos pelos alunos do 1º ano do Ensino Médio. Talvez por não ter sido solicitado aos estudantes um gênero específico de texto, apenas que descrevessem seu quarto, tenha aparecido tantas marcas de oralidade. Porém, essas marcas não interferiram no produto final, que seria a mensagem ao leitor. Pelo contrário, a forma como foram escritos, de certa maneira, era como se os próprios alunos estivessem oralizando seus textos.

Embora não constitua um dos objetivos de nossa análise, constatamos uma discrepância entre os grupos. Os estudantes os do sexo masculino fazem mais uso de marcas orais que as estudantes do sexo feminino.

A escrita em conjunto com a oralidade é utilizada nos diversos contextos sociais de nossas vidas, desde os mais básicos até os mais complexos como: no trabalho, na escola, na família, na defesa de um doutorado etc. Porém, para cada situação comunicativa temos objetos diversificados, tanto em relação à escrita quanto em relação à oralidade.

Como afirma Marcuschi (2010):

São os usos que fundam a língua e não o contrário, defende-se a tese de que falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação (MARCUSCHI, 2010, p. 9).

A língua, nas suas duas modalidades, é muito dinâmica, está em constante transformação, sendo modificada e se modificando por meio de seus usuários, os quais vão se apropriando dela e se inserindo num processo de construção e reconstrução contínua.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação & ensino**. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Pedagogia: educação e língua materna**. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&E, 2001.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

PERINI, M. A. Os dois mundos da expressão linguística. In: _____. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **A língua do Brasil e outros mistérios**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

RIBEIRO, Ormezinda Maria. **Janelas na construção da leitura**. Uberaba: Vitória, 2006.